



Ordem Vermelha

CRIANÇAS
DO SILÊNCIO

ESCRITO POR
FELIPE CASTILHO

EM COCRIAÇÃO COM
RODRIGO BASTOS DIDIER
VICTOR HUGO SOUSA

intrínseca



Ordem Vermelha

CRIANÇAS
DO SILÊNCIO

ESCRITO POR
FELIPE CASTILHO

EM COCRIAÇÃO COM
RODRIGO BASTOS DIDIER
VICTOR HUGO SOUSA



Copyright © CCXP EVENTOS LTDA.

Ordem Vermelha é um projeto de Felipe Castilho, Rodrigo Bastos Didier e Victor Hugo Sousa, com direção criativa de Erico Borgo e Renan Pizii. Publicado mediante acordo com CCXP Eventos Ltda. Todos os direitos reservados.

ILUSTRAÇÃO E LETTERING DE CAPA

Rodrigo Bastos Didier

MAPA

Ilustração de Rodrigo Bastos Didier, desenvolvido com Felipe Castilho

PROJETO GRÁFICO

Rafael Nobre

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

REVISÃO

Theo Araújo

Luíza Côrtes

Victor Almeida

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C348o

Castilho, Felipe

Ordem vermelha : crianças do silêncio / Felipe Castilho. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2023.

496 p. ; 23 cm. (Ordem vermelha ; 2)

Sequência de: Ordem vermelha : filhos da degradação
ISBN 978-85-510-0921-5

1. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

23-86595

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para os que foram deixados de fora dos muros

A BONDAD E DOS SEIS E O PRESENTE DE UNA

No princípio, não havia nada, somente os Seis Deuses. E, em toda a sua bondade, eles teceram o manto dos céus — um lado escuro e cravejado de pedras preciosas, o outro, claro e com um imenso rubi incrustado. Os Deuses o estenderam acima da superfície que abrigaria as águas, os montes e tudo mais que a vasta imaginação dos Seis ousasse materializar.

Diante de tantas maravilhas, os Deuses acharam por bem povoar o mundo com criaturas que pudessem aproveitar todas as dádivas trazidas à existência.

Para as montanhas, criaram os gigantes. Altos e fortes, capazes de morar nos picos enevoados e de contemplar toda a Criação.

Para as cavernas, os anões, pequenos mas resistentes, capazes de encontrar as joias enterradas pelos Deuses e moldar a terra.

Para guardar as águas, foram criados os salobros. Guardiões do sal, capazes de viver sob as ondas dos oceanos, garantindo que fossem sempre potáveis, e controlar as marés e correntezas.

Para os bosques repletos de frutas e flores, os sinfos. Leves como o pólen carregado pelo vento, eles esculpam o silêncio e davam forma a belas melodias.

Para os terrenos rochosos e as selvas fechadas, os kaorshs. Altivos e esguios, eles dariam matizes ao mundo e aos sonhos, já que os Deuses sonhavam apenas em vermelho e dourado.

Os humanos receberam as planícies e cuidariam da magia do sangue e da magia falada, perpetuando as memórias.

No entanto, o que era paz se tornou guerra.

Os salobros acharam que não eram tão valorizados quanto deveriam, já que todo ser vivo necessitava de água. Ebriz, o sumo sacerdote salobro, ergueu o seu tridente e salgou as águas dos oceanos para que elas não mais saciassem a sede das criaturas. As outras cinco raças conseguiram conter o envenenamento dos rios e lagos antes que eles atingissem as nascentes, mas a magia de Ebriz era muito poderosa e obrigou os Seis Deuses a interferirem.

Justos como eram, acharam que deveriam enfrentar a rebeldia de Ebriz de igual para igual, e assim se reuniram no núcleo do Sol vermelho e se tornaram uma só entidade: Una, a Dourada.

A maior joia dos céus passou a ter a cor do ouro, e, em seu interior, a deusa eclodiu, descendo para negociar com Ebriz, pois, mesmo diante da traição dos salobros, a guerra só seria declarada em última instância.

Ebriz convocou todos para renegar a nova Deusa Dourada, mas apenas os membros da sua raça lhe deram ouvidos. Ele ordenou que as águas tomassem o mundo, e Una resgatou os seres que não eram capazes de respirar dentro d'água ou de beber água salgada.

Os gigantes construíram uma imensa arca, e sacrificaram-se para que as outras quatro raças sobrevivessem até Una conseguir derrotar Ebriz e aplacar o dilúvio que afogava o mundo. Os kaorshs teceram a túnica que a deusa usaria na batalha. Os sinfos criaram um escudo com o único salgueiro-gigante que sobreviveu ao dilúvio. Os humanos doaram o próprio sangue, e, do mar rubro, foi extraído o metal necessário para que os anões forjassem a espada da deusa. A tinta vermelha que conectava corpo e alma também alimentou sua lâmina, para que ela estivesse sempre revestida de fé e sacrifício.

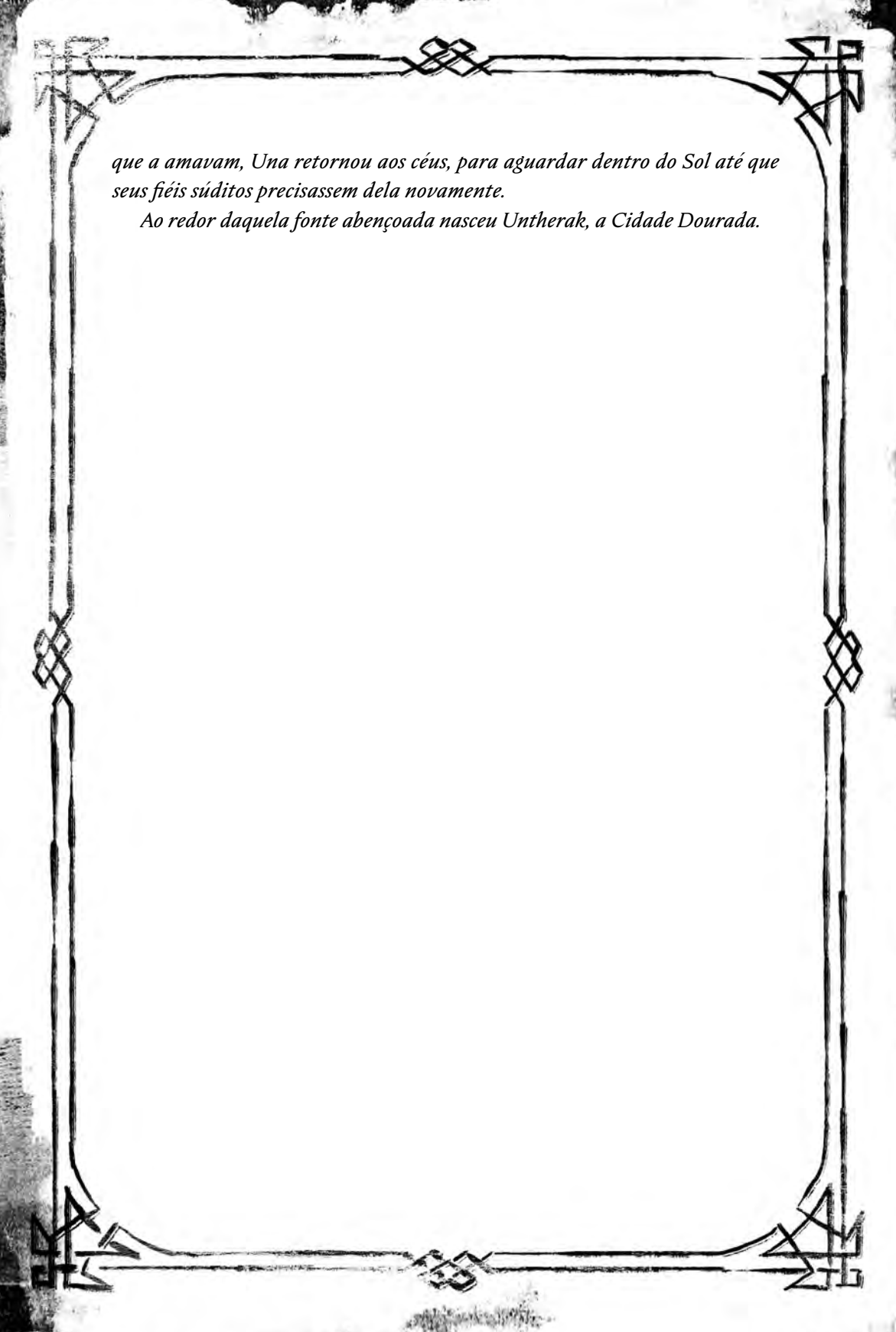
Una enfrentou Ebriz por quarenta dias e quarenta noites, até partir o tridente do salobro ao meio com a espada feita pelos anões. A deusa subjugou aquele que negou sua bondade, e as águas retrocederam — mas o sal queimou todo o solo, criando assim o deserto conhecido como Degradação: o legado dos salobros, a esterilização do mundo.

Em sua bondade, Una enterrou a espada no corpo moribundo de Ebriz. A alma do usurpador das águas sangrou como uma lágrima obscura, e o líquido escuro foi sorvido pelas areias da Degradação.

De lá, a água mais doce e cristalina minou. Ao redor da nova nascente, as cinco raças decidiram recomeçar e erigiram uma cidade dourada em homenagem à deusa que os salvara da morte certa.

Una lhes devolveu a liberdade e lhes disse que, por não terem se unido à revolta dos salobros — agora poucos, escondidos nas profundezas do alto-mar —, eles viveriam para sempre no paraíso, recebendo todas as dádivas dos justos e plácidos até o fim dos tempos, com comida, música e alegrias abundantes.

Una marcou os salobros com uma dívida eterna, proibindo-os de se aproximarem da fonte de água doce e condenando-os a enviarem o fruto do seu trabalho aos devotos da deusa. Garantindo um futuro de alegria sem fim aos



que a amavam, Una retornou aos céus, para aguardar dentro do Sol até que seus fiéis súditos precisassem dela novamente.

Ao redor daquela fonte abençoada nasceu Untherak, a Cidade Dourada.

*Faça a Descida,
deixe para trás a vida cansada.
No túnel esculpido por mãos esquecidas,
ao Portão Vivo, incipiente jornada.*

*Em silêncio, no corredor em breu,
o Hierofante aguarda, paciente.
Palavras de libertação, segredo só teu,
e a Chave que cresce como semente.*

*Adentre a Víbora, corajoso;
Vértebra serás, elo nas correntes.
Da Cabeça ao Guizo, veloz e poderoso,
O Corpo avança, areia e sal presentes.*

*Sê soldado, fiel ao chamado,
à antiga vontade obedeça com ardor.
Ao suceder o irmão tombado,
Banha-te no poço, Mácula de valor.*

*Torna-te eterno na morada ardente,
da Víbora, Sol e Deserto.
O jejum cessa, a Fome fervente,
quando o Hierofante se mostra uma vez mais perto.*

*E se por fim a deusa tornar-se mortal,
despede-te das cores do teu olhar.
Liberta a Víbora, em seu Ciclo Vital,
engolindo-se, finalmente, a se completar.*

A Descida era ainda mais longa do que tinha imaginado. Mas ele devia ter se dado conta de que as bocas maculadas dos Arautos de Proghon, reproduzindo suas ordens diretas e secretas, não pediriam tarefa ordinária para aquele seleto grupo. Afinal, era um ritual antigo, voltado para poucos. O General não se daria ao trabalho de direcionar a sua atenção, tão necessária na reforma urgente de Untherak, para algo que não fosse essencial aos seus planos.

Rheriion sentia a escadaria irregular sob seus pés descalços, e o frio parecia contar uma história. Não para os seus ouvidos nem para os seus olhos, mas para os seus ossos.

Debaixo do Palácio, os anões cavaram túneis e esculpiram a rocha. Agora ele, um kaorsh orgulhoso, servo de Una independentemente de mentiras e jogos políticos, caminhava por trajetos que tinham como destino o mistério. Ao longo de centenas de anos, quantos pés haviam pisado naqueles degraus com o mesmo intuito? Poucos, Rheriion sabia.

Seu irmão mais velho sempre sonhara em servir como Único até se tornar Altin — um soldado de alta cúpula, exibindo o bracelete dourado por quaisquer setores do Palácio, com acesso total e irrestrito. Eventualmente, seus dias com o General e a Tenente o conduziriam à Descida, um ritual reservado apenas a kaorshs que já fora mais secreto. Aquela cerimônia havia se tornado uma espécie de lenda entre a elite da infantaria. O irmão queria se destacar para ser convidado a desvendar seus segredos.

“Basta uma chance. Uma chance para eu me sobressair diante dos olhos da Tenente Sureyya, e ela contará os meus feitos à Centípede”, dissera Yalthori, retirando a pesada cota de malha ao retornar à casa da família nos Campos Exteriores, próxima ao Portão Nordeste. Yalthori já morara na Vila A, mas, após um incidente violento no Anel de Celas que resultara na morte de vários Únicos, fora promovido à Ala Leste e dormia no Palácio durante a semana, voltando para casa apenas em seu Dia de Louvor.

Rheriion havia aguardado ansiosamente o dia sagrado do irmão mais velho para saber sobre a semana de trabalho dele. Também almejava ser um Único — e depois conseguir o bracelete dourado de um Altin —, mas Yalthori havia concentrado em si a Dívida Familiar. Antes que ele terminasse de se despir das vestes militares, mais de mil sonhos de grandeza já haviam surgido na mente do caçula. O mais velho prosseguiu: “O meu nome será tão celebrado no ritual da Descida, que eu direi para lhe buscarem... e um dia nos encontraremos fora daqui. E eu serei batizado. Serei poderoso. E lhe iniciarei nos segredos do subterrâneo.”

Essas conversas faziam com que Rheriion orasse para Una em voz alta todos os dias. Ele desejava aquilo fervorosamente. Seu pai e sua mãe já haviam partido, assim como a maioria dos servos de Una de idade avançada. Eles serviram no Tear até suas almas serem clamadas pela deusa. Mas o irmão... ele, sim, levava uma vida gloriosa. Era um exemplo no qual Rheriion gostaria de se espelhar.

Ainda que mudanças bruscas tivessem transformado a realidade de Untherak, a vontade de cumprir o desejo de Yalthori estava mais forte do que nunca. A deusa não se sentava mais no Trono, e, sim, o seu General, que reestruturava a cidade de uma maneira de difícil compreensão, mas tornando-a cada vez mais brutal. Não houve um novo recrutamento para repor os Únicos mortos em combate, e a Vila A foi dissolvida. Agora, eles eram poucos, e guerreiros de uma raça misteriosa pareciam ser os preferidos do novo regente. A Centípede nunca mais foi vista, o que levantava suspeitas e comentários desconfiados sobre o que Proghon havia feito com ela.

E não havia mais a Tenente Sureyya, assim como não havia mais Yalthori.

Rheriion chorou no túnel escuro, temendo que as lágrimas refletissem a luz dos archotes na escadaria.

Lembrou-se de quando recebeu a notícia, diretamente de Värítz, o kaorsh recém-promovido a Tenente: seu irmão e Sureyya haviam sido ceifados pela mesma mão... a de Raazi Tan Nurten, a maior traidora de sua espécie que já existira. A vencedora do Festival da Morte que deramara o sangue de Una. Então, segundo as leis de Untherak, Rheriion herdou a Dívida Familiar e serviria a Proghon em algum posto dentro do Miolo. No entanto, a verdadeira dívida só seria paga pelo sangue. Pela vingança.

Tendo ainda pouca técnica como guerreiro, o kaorsh ingressara como um soldado raso, acompanhando as patrulhas dos Únicos nos Assentamentos. Porém, o que tinha de inexperiência, compensava com agressividade: não havia ralé de qualquer raça que pudesse intimidá-lo durante as rondas. Todo e qualquer sinal de rebeldia ou insubordinação dos moradores da Borda Norte era respondido com brutalidade. No início, preferia usar o cabo da lança, esmagando narizes e dedos.

Optara por uma lança depois que soube, por testemunhas, os detalhes da morte do irmão: na batalha diante do Portão Norte, nas areias da Degradação, Yalthori investira contra a kaorsh traidora, pensando ter visto uma brecha em sua defesa. Raazi, porém, agarrou a lança do soldado pela haste, arrancou-a das suas mãos como se tirasse o brinquedo de uma criança e, por fim, trespassou Yalthori com a própria arma. Um Único obediente e robusto... bravo guerreiro e futuro conhecedor dos segredos sob o Palácio... morto de maneira tão humilhante pela kaorsh profanadora.

Meses haviam se passado desde que o Portão Norte expurgara os traidores rumo à Degradação, onde a assassina do seu irmão seria julgada pelo vazio da incerteza. Rheriion sentia-se consumido pela dúvida. Não sabia o que o deserto faria com ela, mas sabia que nada de bom seria reservado a alguém que deixasse o celeiro do mundo.

Mais lágrimas escorreram pelo seu rosto, e Rheriion não conseguia suprimir o indisfarçável som úmido do nariz. Muco escorria na direção da boca, selada com rigidez pelo ódio.

A fileira de kaorshs que descia e descia parou de repente. O que estava à frente, liderando os dez soldados, parecia ter chegado a uma porta de madeira. Rheriion tocou as pedras antigas nas paredes estreitas, aguardando que o primeiro da fila abrisse a passagem. Um vento forte veio de lá e fez as chamas dos archotes vacilarem. Eles foram em frente, e o recinto seguinte se abria num grande fosso, com uma escadaria que acompanhava as paredes distantes umas das outras. O abismo possuía no meio correntes que se perdiam na neblina abaixo, e os kaorshs tremiam com o ar tubular e uivante.

— Para que servem aquelas correntes? — perguntou Rheriion, mais para si mesmo do que para os companheiros.

O que vinha logo atrás, um kaorsh de não mais que dezessete anos chamado Viktor, especulou uma resposta:

— Me parece algum tipo de... elevador? Mas as correntes são muito grossas.

— Calados! — gritou uma voz feminina e imperiosa no fim da fila. — Lembrem-se: silêncio até chegarmos no Hierofante!

Rheriion e Viktor mantiveram-se calados mesmo com o chacoalhar das correntes ficando cada vez mais alto. Suas suspeitas foram confirmadas quando uma grande plataforma quadrada surgiu.

Toda a fileira de kaorshs se recostou nas pedras. A plataforma desceu, rápida e estável demais para a tecnologia incerta dos elevadores de carga do restante do Miolo.

Ao passar pela altura dos olhos de Rheriion, ele percebeu que a plataforma era equipada com uma grande alavanca acobreada ligada a mecanismos, roldanas e peças dentadas que mastigavam as correntes conforme a carga ia em direção ao fundo do poço. Só podia ser uma tecnologia perdida dos anões, daquelas reservadas às operações mais secretas e antigas de Una, dos tempos da fundação de Untherak.

Dois grandes carroças repousavam lado a lado sobre o piso do elevador sem paredes: uma de madeira escura, com pequenas janelas onde era possível ver o interior, que estava abarrotado de carga, e outra de aço, bem mais pesada, sem janelas, apenas com pequenas aberturas próximas ao teto. Parecia um cofre com rodas. Havia uma espécie de esteira que recobria ambas as carroças, sem adornos, sólida, do tipo que poderia aguentar a queda de uma ribanceira ou mesmo a fúria de um arbopardo preso no seu interior. Deveria conter algo de valor ou perigo inestimável.

As carroças eram acompanhadas por meia dúzia daqueles misteriosos batizados pálidos, quietos e de orelhas pontudas que haviam sido revelados por Proghon durante o fatídico dia do expurgo dos infieis. Com espadas esguias de lâminas maculadas nas bainhas, mantinham os olhos negros atentos aos kaorshs, que subiram rapidamente no elevador. Tiveram breve contato visual, o suficiente para gelar os ossos de Rheriion e entupir os seus ouvidos com uma estranha pressão.

— *Silenciosos* — murmurou ele, pensando no nome que corria à boca pequena entre os soldados.

Havia escutado apenas rumores, já que Proghon nunca fizera pronunciamento algum sobre suas tropas especialmente letais. O General parecia preferir os Silenciosos às infantarias pesadas compostas pelos

Únicos, deixando-os para executar as funções de fora do Palácio que antes ficavam a cargo dos soldados rasos. Rheriion ficou surpreso ao ver Silenciosos ali, cientes do ritual da Descida: eles tinham sido adicionados recentemente às forças de Untherak, e já faziam parte de velhos rituais secretos. Não pôde deixar de sentir inveja da confiança depositada por Proghon naquela nova raça.

O elevador sumiu na neblina abaixo até chegar ao destino dos kaorshs, que não sabiam exatamente quanto tempo havia se passado até pararem no piso firme e plano. Havia um caminho além das duas carruagens, um túnel sem portas. Os Silenciosos se posicionaram de guarda nos dois lados da entrada, indicando que o grupo deveria prosseguir sem eles, levando a carga. Não que os kaorshs não tivessem sido avisados, em unísono, através da boca dos torturados acorrentados:

*Faça a Descida,
deixe para trás a vida cansada.*

Os dez escolhidos assumiram a movimentação das carroças, dividindo-se entre puxá-las e empurrá-las. Apesar de o início do caminho ser perfeitamente plano, da maneira como só os anões conseguiam nivelar, os kaorshs tropeçaram em formações irregulares semelhantes a raízes, que se estendiam pelo chão e pelas paredes na mesma direção em que prosseguiam.

*No túnel esculpido por mãos esquecidas,
ao Portão Vivo, incipiente jornada.*

Puxando uma das correntes por cima dos ombros enquanto Viktor assumia o lugar logo atrás dele, Rheriion pisou numa das raízes sem querer e sentiu o pé se afundar na substância. Não era dura, como as estirpes de uma árvore. Era algo... esponjoso. Mole. Orgânico.

A raiz atingida se retraiu lentamente sob o seu calcanhar, como uma serpente morosa, abrindo caminho para as rodas passarem sem resistência.

Rheriion hesitou.

Por pouco, conseguiu segurar a própria língua.

Percebendo ou não o movimento das ramificações, os outros kaorshs seguiram com as carruagens em direção ao Portão Vivo.
Em silêncio...

*... no corredor em breu,
o Hierofante aguarda, paciente.*



PARTE 1
RAINHA DA DEGRADAÇÃO

As estrelas despencavam do firmamento num espetáculo inesquecível, mas Aelian não dava atenção a elas. Estava focado no buraco à sua frente.

Cavar a terra gelada do monte Ahtul com as próprias mãos lhe causara alguns ferimentos nos dedos e nas unhas, mas o humano pouco se importava. A maior dor estava dentro de si. O maior vazio também. Afinal, não era preciso revolver tanto o solo para enterrar o pequeno e frágil corpo de um sinfo.

Desenrolando-o do tecido que o envolvia, Aelian descobriu que, após a morte, o corpo de Ziggy ganhara o aspecto de gravetos. Nunca havia participado de uma Semeadura, o rito fúnebre daquela raça de vida tão breve. Ele poderia jurar que segurava um arranjo de flores e galhos secos. Depositou-o no buraco com a mesma leveza que o amigo costumava lidar com a vida. Não havia outra maneira de se referir a Ziggy Muzak, que, mesmo na hora da morte, soube deixar Aelian mais leve que o ar. Que mesmo vivendo entre os muros daquela cidade infernal ao sopé da montanha, conseguia invocar sorrisos e semear esperança.

Aelian, de joelhos, reunia coragem para empurrar a terra removida sobre o buraco agora preenchido.

Thrul pateou o chão lentamente, com tristeza. O homem olhou para o betouro, parado próximo ao fogo pálido que tentava resistir aos ventos noturnos. O pobrezinho já estava curado dos ferimentos das flechas que o atingiram meses atrás, naquele dia fatídico. Agora, graças ao seu voo errático e salvador, estavam a uma altura que ultrapassava em dezenas de vezes a cabeça da estátua de Una, até então o lugar mais alto que Aelian já estivera.

A fuga de Untherak havia saído muito diferente do planejado. Num momento, Aelian seguia Raazi para a Degradação, à frente de um imenso expurgo. No outro, estava encurralado, e então Ziggy salvara a sua vida, criando uma rota de fuga inimaginável: para cima. O pôr do sol diferente, visto das alturas muito acima dos muros de Untherak, havia sido a última coisa que os olhos de cores díspares do sinfo testemunharam. E isso dava certo conforto a Aelian.

A música que Ziggy tocara na flauta fizera Thrul usar as suas grandes asas adormecidas, mas o pobre *Coleoptaurus*, que fora alvejado diversas vezes por setas negras infalíveis, havia chegado quase ao seu limite enquanto Aelian o conduzia mais e mais para o alto, para longe dos olhos da estátua e do alcance de Proghon.

Pelo menos, era o que pretendia.

Voltando para o presente, Aelian acariciou a couraça de Thrul.

— Fique parado, descanse um pouco. Seus ferimentos já estão fechados, mas é melhor não forçar. Vou encontrar mais relva que não esteja congelada, tá bom? — avisou ele, pensando se o outro animal que o acompanhava estaria se alimentando de algum raro roedor daquelas paragens ou se descera até onde a grama da encosta ainda tinha uma coloração próxima do verde.

Bicofino não estava nada contente com a nova moradia e, a cada saída para caçar, demorava mais para voltar. Toda vez, Aelian achava que a ave o abandonara. Entenderia completamente se o fizesse.

Mas Bicofino sempre voltava.

E quando passava as noites no monte, dormia perto do humano — o que não era do feitio dos falcões —, aquecendo as penas contra o corpo de sangue quente de Aelian, e deixava um dos seus olhos sempre aberto — isso, sim, era do seu feitio. Aelian, por sua vez, recostava-se em Thrul, zelando pelos ferimentos do betouro enquanto também tomava cuidado com a sua coxa e os seus ombros, que curavam devagar após serem trespassados por flechas negras. Ali, na companhia dos dois animais, a proximidade era uma forma de resistir à solidão fria, tanto figurativa quanto literal. Ali, o afeto se tornava questão de sobrevivência.

Tinha sido justamente o carinho por Ziggy que o fizera esperar cerca de dois meses pelo ritual de despedida definitiva do sinfo, até que a chuva de meteoritos prevista pelas antigas cartas estelares aparecesse nos céus. Aelian queria cumprir sua promessa e fazê-lo *presenciar* o fenômeno. Como que por milagre, a neve dera uma trégua e o céu estava limpo. O humano não sabia exatamente como sinfos enxergavam a vida depois que ela se desprendia do corpo, mas tinha certeza de que Ziggy teria apreciado o seu cuidado.

A terra estava de volta ao lugar. As estrelas cadentes haviam cessado. Uma lágrima caiu no solo, próxima aos seus dedos sujos. Aelian puxou a flauta e tocou a melodia que aprendera com Ziggy. Thrul zumbiu ao seu lado, como se perguntasse: “É para eu abrir as minhas asas?”

— Tranquilo, amigo. Você vai me ouvir tocando essa melodia várias vezes, e nem todas vão exigir tanto de você.

Aelian olhou para o alaúde de Ziggy. Havia pensado em deixá-lo sobre a terra, para marcar o túmulo. Faria sentido, já que o instrumento principal de um sinfo era feito da madeira da árvore da qual ele nascera. Porém, Aelian suspeitava que aquele sinfo em particular gostaria que uma parte sua estivesse sempre com o amigo. Seria difícil descobrir como afinar um instrumento tão delicado, mas talvez, com a noção musical que a flauta lhe dera, ele pudesse fazer algo de bom com o alaúde, em vez de só carregá-lo a tiracolo.

O homem se levantou, sentindo os ferimentos da batalha repuxando a pele que cicatrizava. O frio era bom para aquilo, pelo menos. Reclamou em voz alta, usando a desculpa de que conversava com o betouro. Ele se afastou da beirada da encosta, de onde era possível ver os Grandes Pântanos, o rio Abissal e Untherak — mas não tinha vontade de voltar os olhos para aquela cidade.

— De volta para o nosso canto, garoto.

Subindo um pouco mais pela trilha que começava a se desenhar com o contato diário dos seus pés e das patas do *Coleoptaurus*, Aelian cobriu a cabeça com a capa feita de pele cinza, ajeitando a bainha ao redor do pescoço. O frio nos ossos se tornara algo habitual, mas a capa improvisada ajudava bastante a cortar o vento.

Pensou se duraria muito mais tempo ali, já que sua dieta se resumia a água e uma espécie de castanha dura que nascia rasteira e que, pelo menos a curto prazo, ainda não o havia envenenado. A mesma semente era um banquete para o betouro, que parecia gostar ainda mais das folhas ásperas que nasciam ao redor do fruto. Aelian, que em alguns dias chegava a comer lagartos e outras coisas tão estranhas que tentava não pensar muito a que classe animal ou vegetal pertenciam, descobriu por conta própria que aquelas folhas só eram boas para humanos que quisessem colocar todo o conteúdo do intestino — ou talvez até o intestino em si — para fora.

Mas fome e comida ruim eram coisas perfeitamente cotidianas para um antigo servo do Poleiro — lugar que não existia mais, graças a Aelian. A ração que serviam para os trabalhadores do Miolo era quase sempre insossa, escassa e, muitas vezes, azeda e estragada. Passar fome no monte Ahtul era até mais fácil, pois não vinha acompanhada de castigos e torturas.

No entanto, conforme a temperatura despencava e a neve voltava a cair, o otimismo de Aelian arrefecia.

Com o frio, vinham também os *estraga-sonos*.

Aelian inventara o nome, é claro. A princípio, não sabia direito o que eram aquelas criaturas. Quatro chifres recurvados, pelos grossos acinzentados. Escalavam encostas íngremes e rochas pontiagudas e escorregadias como cabras, e eram até do mesmo tamanho que elas. Porém, seus gritos pareciam vozes humanas, e algumas sílabas desordenadas e caóticas ecoavam pelas encostas quando faziam seu escarcéu.

O humano avistara as primeiras ao longe assim que chegou ao monte Ahtul, e pensou prontamente que as suas peles dariam boas proteções para o frio. Mas as criaturas nunca deixavam a distância entre Aelian e elas diminuir, e ele já havia entendido se tratar de animais ariscos. Sentiu-se culpado em caçar bichos com tanto medo e tirou aquilo da cabeça. Na verdade, depois da traumatizante fuga de Untherak, a mera ideia de *matar* lhe parecia uma abominação ainda maior do que o javali-escorpião que vivia nas masmorras da Arena de Obsidiana.

Até que, durante a primeira noite de neve muito forte, Bicofino o acordou com um grasnar que nunca tinha dado antes. Aelian dormia em uma reentrância nas rochas, tendo que enfrentar a terrível sensação de clausura por motivos de sobrevivência. O barulho estranho de Bicofino logo se transformou em um alvoroço. As criaturas se aproximaram silenciosamente, como arborpados, casco ante casco. Aelian acordou cercado por *estraga-sonos*, em formação de ataque como gnolls. Eles nunca haviam se aventurado por aquela área, o que fez Aelian imaginar o que os teria afugentado até ali. À luz esmaecida da fogueira, pôde dar uma boa olhada em suas caras. Foi assim que qualquer compaixão por aqueles animais desapareceu, junto com o sono.

De perto, viu que tinham cascos fendidos. Havia um olho para cada chifre, mas todos eram esbranquiçados, com uma leve membrana leitosa, como se fossem cegos. Suas mandíbulas eram grotescamente grandes, e duas presas saíam de dentro delas, como se as garras de algum animal tentassem escapar das suas goelas à força. No fim das contas, o nome quase engraçado, *estraga-sonos*, não fazia jus à bestialidade daquelas coisas.

Quando o líder do bando percebeu o despertar da presa humana, gritou daquele jeito horrendo que Aelian só conhecia a distância. O zurro, recebido assim, cara a cara, fez todos os seus órgãos tremerem.

Os outros gritaram junto, as bocas monstruosas tão abertas que seus crânios pareciam prestes a se partir. Thrul investiu contra um estraga-sono, que voou para longe, inerte. Os outros atacaram. Aelian sentiu, mais do que nunca, falta do seu punhal kaorsh perdido no dia do expurgo de Untherak. Ele puxou um pedaço de lenha em chamas e riscou o ar à sua frente. Porém, de nada adiantou. Os bichos ou eram mesmo cegos ou então burros a ponto de não temerem o fogo natural e avermelhado. Ainda assim, sabiam identificar quando alguém estava dormindo.

Naquela noite, Thrul e Bicofino — que ficara muito confuso ao tentar bicar os habituais dois olhos por cabeça e encontrar quatro deles — o ajudaram a matar três das sinistras criaturas. O humano aproveitou as peles para usar como capa e fez uma espécie de sela para o betouro, ainda que não soubesse se a espécie passava frio. Já a carne do bicho era amarga e fibrosa. Por um momento, o falcoeiro pensou que, se conseguisse fazer um molho de Mácula para a refeição, a coisa se tornaria mais suportável de ser digerida.

O segundo ataque dos estraga-sonos veio alguns dias depois e contou com reforços. Aelian foi obrigado a fugir do seu esconderijo claustrofóbico, galgando montanha acima no dorso de Thrul com os animais saltando às suas costas, em busca de vingança e alimento. Bicofino não estava por perto na hora, então não era possível contar com as suas investidas para proteger um pouco a retaguarda. O que restou para o homem e o betouro foi uma fuga desembestada.

Chegaram a um platô do monte Ahtul até então inexplorado, cheio de estalagmites e formações rochosas ora pontiagudas, ora recurvadas. Tentando usar os obstáculos para retardar o avanço dos perseguidores, Aelian conduziu Thrul pela correia através das pedras ameaçadoras. Depois de muito tempo sem ouvir o som de cascos fendidos, arriscou uma breve olhada para trás...

... e notou que os estraga-sonos haviam parado em uma linha invisível, sem avançarem um passo sequer para dentro das rochas.

Aelian entendeu que havia acabado de pisar no território de algo ainda mais perigoso, o que quase o fez correr de braços abertos para os estraga-sonos. Foi então que um ruidoso estalar debaixo das suas botas

o fez perceber melhor seus arredores. Aquelas formações imensas e pontiagudas não eram rochas.

Eram ossos.

Pareciam esqueletos humanos em escala muito, muito maior. Grork, o gigante bicéfalo que cuidava do Portão Nordeste, provavelmente era subdesenvolvido em comparação àquelas criaturas.

Lembrando-se da Fúria dos Seis, Aelian imaginou como teria sido o massacre daquela espécie, cerca de mil anos atrás.

“No cume, os Deuses combatiam os últimos dos mesquinhos gigantes, que se revoltavam contra os castigos recebidos.”

Como havia sido a realidade, aquela que a narrativa fantasiosa dos textos apócrifos transformara em um grande embate final dos Deuses anteriores a Una contra os malvados e titânicos gigantes?

Mesmo após tanto tempo, os crânios fortes e protuberantes, com dentes amarelados e do tamanho de placas de armaduras, ainda inspiravam algum tipo de soberania. Talvez fosse isso que afugentava os estraga-sonos. Aelian encontrou troncos caídos e secos por todo o lugar. Era curioso, já que não havia árvores por perto. Então, ao notar que muitas das mãos ossudas estavam fechadas ao redor dos troncos, percebeu que aquelas eram as clavas dos gigantes. Imaginou os muros de Untherak sob um ataque coordenado daquelas clavas: a chacina dos gigantes — que provavelmente haviam ajudado a erguer as muralhas da cidade — devia ter sido a maneira de Una garantir que os muros não seriam ameaçados caso eles resolvessem se organizar contra a força que os assediava. Aelian sentiu a tristeza pairando junto ao ar frio, e visualizou a si mesmo caminhando por ali séculos atrás, em meio a grandes fogueiras que projetavam sombras ainda maiores que aqueles titãs, jantando ao redor do fogo.

Seriam os estraga-sonos tira-gostos para os gigantes? Ou teriam surgido depois da criação de Untherak? *Eles se parecem muito com uma experiência da Centípede*, pensou Aelian, antes de voltar a si e ver os animais se afastando.

Depois de se certificar de que não corria perigo, Aelian voltou até o esconderijo para buscar alguns dos seus pertences, como a flauta e o alaúde, e também o corpo de Ziggy. Então foi levantar novo acampamento no cemitério de gigantes.

Após a despedida do amigo na cerimônia solitária, era para lá que homem, betouro e falcão voltavam. Mais exatamente, para o abrigo dentro de um esqueleto semienterrado na montanha. Com mais algumas peles de estrega-sonos, Aelian recobrira as costelas calcificadas do gigante que ali tombara, em tempos anteriores à criação das falsas narrativas.

E lá o humano permaneceu, até resolver que não valia mais a pena contabilizar o tempo que se passava. Raazi, Harun e Venoma já estariam longe demais para serem alcançados... ou já teriam encontrado o seu fim nas areias da Degradação. A possibilidade de perdê-los, assim como acontecera com Tom e sua família, o atormentava. Venoma aparecia com uma frequência um pouco maior em seus pensamentos, por conta do que haviam vivido juntos. Mesmo que ela fosse bastante fechada e falasse pouco sobre si, mesmo nos momentos que passavam longe de outros olhos, Aelian sentia falta da intimidade e da conversa. Ele mal havia começado a decifrar seu passado, sua história, suas motivações para se juntar à rebelião de Anna. A ideia de uma pessoa que lhe era tão importante deixar de existir antes que ele pudesse conhecê-la melhor o incomodava tanto quanto o frio de gelar os ossos.

Descer do monte não lhe ofereceria muitas opções além de tomar o rumo dos Grandes Pântanos, que imaginava ser ainda mais cheio de surpresas e criaturas temíveis que a sua morada atual. Pelo menos em seu refúgio gélido os dias eram previsíveis, ainda que cinzentos, frios e penosos. Havia também a marcante vista panorâmica que Aelian evitava, pois olhar para baixo e abarcar Untherak inteira de uma só vez era muito doloroso, mais do que enfrentar o antes desconhecido frio nos ossos e todas as dores físicas negligenciadas pela falta de recursos para tratá-las. O lugar que até então era seu mundo inteiro, agora visto como se fosse uma perfeita miniatura, lhe causava um incômodo grande demais para o corpo e a mente, carregado de muitos sentimentos. Era como olhar para a minúscula Untherak de dentro do Coração da Estátua, repleta de pólvora de ouro, deixada para trás como tantas outras certezas e planos.

E seus sonhos, nas pouquíssimas vezes em que tomavam o lugar da exaustão plena nas noites geladas, eram apenas recordações do curto tempo em que a vida lhe permitiu ter esperanças.

O solavanco foi brusco. Aelian arquejou profundamente ao despertar, a mão agarrada ao pescoço. Sonhou com Proghon, e acordou com a sensação de servir como amplificador para a voz morta do General. Até o cheiro ocre de carvão se fez presente, de tão sinestésico que foi o devaneio. O sol começava a despontar no leste, bloqueado da visão de Aelian pelo próprio Ahtul, mas nuvens tempestuosas se aglomeravam junto aos vapores dos Grandes Pântanos a sudoeste, impedindo a claridade de brilhar com força total.

Thrul zumbia ao seu lado, adormecido, e Bicofino grasnou do alto de um crânio quebradiço de gigante. Os sentidos de Aelian foram voltando ao abrigo aos poucos, mas o cheiro de carvão persistiu.

Era real, e não o resquício de um pesadelo.

— Vem, Bicofino! — chamou ele, pegando um pedaço de osso de gigante que lixara até se tornar uma clava bastante decente.

Aelian olhava para os lados freneticamente, tentando entender de onde vinha aquela reminiscência do que havia de pior em Untherak. *O vento poderia trazer algo assim a toda essa distância?*, pensou, confuso, cogitando se as suas narinas haviam enlouquecido.

No entanto, a origem do cheiro não parecia estar tão longe.

Aelian desceu do platô por um trecho escorregadio, mas felizmente repleto de uma rara vegetação, o que lhe dava a vantagem de se camuflar. Ainda assim, quais as chances de ter mais alguém no monte Ahtul?

Antes que pudesse responder a própria pergunta, viu uma fogueira de chamas azuladas mais abaixo. Ao seu redor, sentados em semicírculo, próximos uns aos outros, haviam quatro homens de capas negras. Por baixo delas, Aelian vislumbrou armaduras de Únicos. Compartilhavam um cachimbo, e baforavam uma fumaça ocre que se mesclava ao ar frio da manhã.

No forninho do cachimbo compartilhado, havia carvão.

Aelian olhou para o lado e percebeu que Bicofino já havia sumido. Sabendo como a coisa funcionava, o falcão se posicionara em algum ponto acima, caso precisasse ajudar o seu humano. Aelian prendeu a respiração e se aproximou aos poucos, até que a conversa dos Únicos foi se tornando audível.

— ... perda de tempo. Completa perda de tempo! — esbravejou um deles, os dedos ávidos pelo cachimbo ainda na boca do outro companheiro.

Este tragou profundamente antes de contestar:

— Prefiro congelar aqui do que ficar no meio de toda aquela merda. Duvido que um dia vão conseguir fechar os gosmentos de volta na Vila B.

— Rá! É que vocês ainda não foram para as missões nos Assentamentos — falou o terceiro Único, sentado em uma das extremidades do semicírculo. O quarto homem apenas assentia. — Aquele lugar nunca vai parar de feder a sangue.

— Certo, certo — disse o primeiro, irritado, até que o cachimbo enfim chegou às suas mãos. — Mas qual a nossa utilidade aqui? Já faz dois meses. O maldito não pode ter sobrevivido tanto tempo nestas condições deploráveis.

— Não com todas aquelas cabras rondando — concordou o terceiro, esfregando os próprios braços.

O Único mais indignado continuou:

— O General ouviu dizer que o maldito *voou* num betouro nessa direção. Eu nem sabia que aqueles carrapatos crescidos voavam! E isso não significa que ele tenha *parado* aqui. Mas aí de nós se voltarmos de mãos vazias! Vamos ser culpados por ineficiência!

— Não exagere — interveio o segundo, abaixando o capuz da capa por um instante. Aelian reconheceu os traços kaorshs mesmo àquela distância, que agora deveria ser de menos de quinze passos encosta abaixo. — Proghon é extremo, mas pelo menos não nos obriga a passar seis horas de olhos fechados...

— Ei, eu ainda faço isso! — exclamou o primeiro, indignado. — Eu sou fiel à deusa! O trono de Una foi usurpado por rebeldes nojentos.

Por um momento, Aelian imaginou se conseguiria se posicionar bem acima deles, para vomitar sobre as suas cabeças.

— Que seja — disse o segundo. — Eu respeito Una, mas não sei se acredito nessa história de rebeldia... e não vejo sentido em continuar com os rituais depois que Proghon assumiu Untherak.

O quarto homem assentiu mais uma vez em concordância morosa. Foi a vez do terceiro reivindicar o carvão, reclamando que o seu peito já estava congelando de novo. Então disse:

— Ele não nos pede rituais, mas nos obriga a coisas ainda mais... estranhas.

— Hum. Que coisas? — perguntou o primeiro.

O homem com o cachimbo recurvou-se devagar, como se fosse contar um segredo. Felizmente, Aelian já estava muito próximo deles e conseguiu ouvir:

— Não gosto da companhia deles. Quietos demais, e isso não é bom.

— Odeio a sensação que causam nos nossos ouvidos — relatou o primeiro, num raro momento de concordância com os demais. — Nós quatro daríamos conta da busca pelo delinquente do Poleiro sem essa *coisa* nos acompanhando. Não precisávamos vir aqui em cinco.

Aelian congelou, e não foi de frio.

Cinco.

No mesmo instante, seu ouvido esquerdo zuniu, uma versão mais branda da sensação marcante que havia experimentado dois meses antes. Virou-se e, num ato de puro reflexo, bloqueou a lâmina batizada que vinha de encontro ao seu pescoço.

O cabelo liso e oleado para trás das orelhas pontudas. O rosto pálido e lívido. As feições finas e os olhos anormalmente grandes e ameaçadores. As vestes negras e a aljava cheia de flechas da mesma cor. Era um dos Silenciosos que Proghon havia trazido para o seu exército.

Da raça que matara Ziggy.

Aelian nem teve tempo de se surpreender com o fato de que a lasca de um osso de gigante bloqueou o golpe de uma espada batizada. Apenas chutou o quinto homem da patrulha, gritando de raiva e estragando toda a aproximação sorrateira. Então pulou sobre o Silencioso com a clava em riste, direcionando àquele único indivíduo toda a raiva que carregava pela sua espécie.

Porém, o Silencioso era mais rápido e, mesmo caído, conseguiu chutar Aelian.

O humano caiu pela ribanceira, e o quarto Único enfim abriu a boca para gritar:

— Intruso!

E foi só isso que conseguiu dizer antes de Aelian cair sobre ele de forma desajeitada, sem soltar a clava.

Com um atraso que poderia ser explicado tanto pela surpresa quanto pelo entorpecimento causado pelo carvão, o primeiro sacou a espada, mas teve a mão direita esmigalhada por um golpe às cegas de Aelian. O segundo, o kaorsh, um tanto surpreso com a cena, não reagiu quando o falcoeiro se levantou como um animal raivoso e golpeou o rosto do quarto Único, que voltou a ficar quieto de uma maneira um tanto irreversível. A cor vermelha respingou para todos os lados, e o primeiro Único levou a mão quebrada até a testa para fazer o sinal contra o mal e afastar o agouro da cor proibida.

O Silencioso se recompôs e saltou com habilidade até a fogueira. Dois dos Únicos restantes pegaram lanças batizadas do chão. Aelian se viu encurralado pelos soldados, mas não se portou como um acuado, mesmo com os ferimentos recentes. Seu instinto e sua raiva falavam mais alto.

Avançou sobre o de mão quebrada, que estocou à frente com a espada batizada. Aelian deu um tapa na parte plana da lâmina e o desestabilizou. Chutou o seu joelho como se partisse um galho grosso para a fogueira, e o barulho foi o mesmo. Fagulhas azuladas subiram ao ar quando o Único desabou em cima das chamas.

Aelian se voltou contra os dois lanceiros e viu de soslaio que o Silencioso havia se posicionado a distância, encaixando uma flecha de pluma negra no arco, apontando e aguardando por uma mira limpa para derrubar o alvo.

— Se quiser aparecer agora, pode ser uma boa! — gritou Aelian.

Os lanceiros se entreolharam, intrigados, pensando se haveria reforços do outro lado. Eles não viram Bicofino mergulhar e arrancar uma das orelhas do Silencioso... até porque nem assim ele emitiu qualquer som. Era como se a criatura não tivesse percebido a mutilação. Então, as garras do falcão enterraram-se bem ao lado da mão que retesava a corda do arco, o que fez a flecha ser disparada precocemente.

O Único kaorsh foi atingido na parte de trás da perna direita e caiu de joelhos. Aelian aproveitou para golpear o seu crânio. O outro lanceiro atacou, e Aelian gritou ao sentir a ponta da arma batizada afundando na sua carne. Teria afundado muito mais se não fosse a pele do estragamento. O humano agarrou a haste com uma das mãos e a empurrou para o lado, usando a clava contra a cintura do último lanceiro, que aguentou o golpe com louvor. Ele recuou a lança para uma nova investida, mas Aelian conseguiu aplicar uma rasteira nele antes do ataque. A clava desceu mais uma vez, com um som que só não era pior do que o do Único que tentava apagar as chamas da própria capa. Porém, ele teria que esperar e espernear mais um pouco.

A criatura pálida e silenciosa tentava esfaquear um ágil Bicofino, que voava ao seu redor. Aelian reparou que ela sangrava Mácula. Sua orelha estava no chão, mas não havia sequer uma careta de dor no seu rosto. *Os soldados perfeitos para os padrões de Proghon*, pensou, enquanto largava a clava de osso e pegava as duas lanças batizadas dos oponentes derrotados.

Será que ele atirou uma das flechas em Ziggy?

Poderia muito bem ter sido ele.

Eles são todos iguais.

Aelian correu em linha reta, com um grito preso na garganta. Talvez fosse culpa da presença dos Silenciosos, ou talvez fosse a raiva lhe restringindo as emoções. Sem se preocupar com a adaga maculada dançando ao redor da criatura pálida, ele enterrou as duas lanças no seu peito com tanta força que caiu por cima do alvo.

O Silencioso cuspiu Mácula, em afronta, mas ainda assim não gritou de dor. Então, a pressão no ouvido de Aelian cessou. O Silencioso estava morto, e a sua influência na atmosfera ao redor também.

Bicofino pousou no ombro de Aelian. Ofegante, o humano voltou-se ao Único que se debatia no chão, ardendo em chamas azuis, e chutou terra e neve sobre ele até o fogo se apagar.

Depois, agarrou o homem pelo colarinho da cota de malha e o ergueu até a altura dos olhos. Examinando-o de perto, a queimadura nem havia sido grave, e a sua carne não parecia tão danificada, comparado ao estardalhaço que fizera.

— Quantos mais estão revirando o Ahtul? — inquiriu Aelian, com raiva.

O Único apenas o encarou com espanto e ódio.

Aelian apertou uma de suas queimaduras recentes, até que a resposta veio:

— Tem duas equipes de busca mais abaixo, e outras virão! P-Proghon não vai descansar, *traidor!*

— Desça e diga para voltarem para dentro dos muros! — ordenou Aelian, entredentes.

Então, lembrou-se de Anna explicando o poder das narrativas, e imaginou o que uma breve história de terror faria com a mente daquele ali. Decidiu usar o fanatismo do sujeito a seu favor.

— Senão vou matá-los um por um... e vou beber o sangue vermelho de vocês ainda quente! — acrescentou.

O Único bateu com o dorso da mão na própria testa três vezes, e então gritou em desafio:

— Ele está aqui! O traidor do Poleiro, o traidor de Una! *Subam, subam!*

Bicofino grasnou alto, incomodado com a gritaria. Aelian revirou os olhos, entendendo que aquele homem de nada lhe seria útil. Cansado dos berros, por fim o empurrou montanha abaixo.

Aos poucos, a adrenalina passou. Aelian se deixou desabar no chão, mas logo em seguida levantou-se apressado, sentindo o vômito inundar sua garganta, tocando o céu da boca. Aelian sabia de onde a força vinha... a luta cotidiana por sobrevivência no Miolo, misturada aos ensinamentos de combate de Anna e a todos os treinos no Coração da Estátua. Ainda assim, não se reconhecia.

Untherak ensinava diariamente que matar era algo fácil. Morrer, então, era ainda mais acessível. Aelian tinha lutado para sobreviver e tirado vidas com muita frequência desde sua fuga do Poleiro. No entanto, após a carnificina promovida por Proghon nos Assentamentos, depois de abandonar a cidade... acreditou que nunca mais precisaria derramar sangue alheio.

Limpendo a boca, ele reuniu forças para se levantar antes que outro grupo aparecesse. *Hora de ver o que dá para aproveitar daqui*, pensou. Bicofino voou até onde a orelha do Silencioso estava caída e começou a bicá-la com voracidade. Aelian não conseguiu evitar uma careta, e o vômito só não veio porque ele já tinha botado toda a bile para fora.

A espada batizada do Silencioso era uma arma como nunca havia visto: de lâmina estreita, leve e esguia. Bem diferente das robustas espadas usadas pelos Únicos. As capas de frio e alguns pedaços das armaduras também lhe seriam úteis.

Então, percebeu o cachimbo caído ao lado dos cadáveres. Ainda estava quente, e o carvão dentro do forninho também o aqueceria por dentro.

— Sim, mas vai corroer sua mente junto, seu idiota — resmungou ele, guardando o cachimbo e as pedras no bolso. Pegou os espólios da sua vitória, prendendo na cintura a espada do Silencioso, e estalou a língua para chamar Bicofino. — Vamos. Acho que o nosso tempo por aqui se esgotou. É hora de partir.

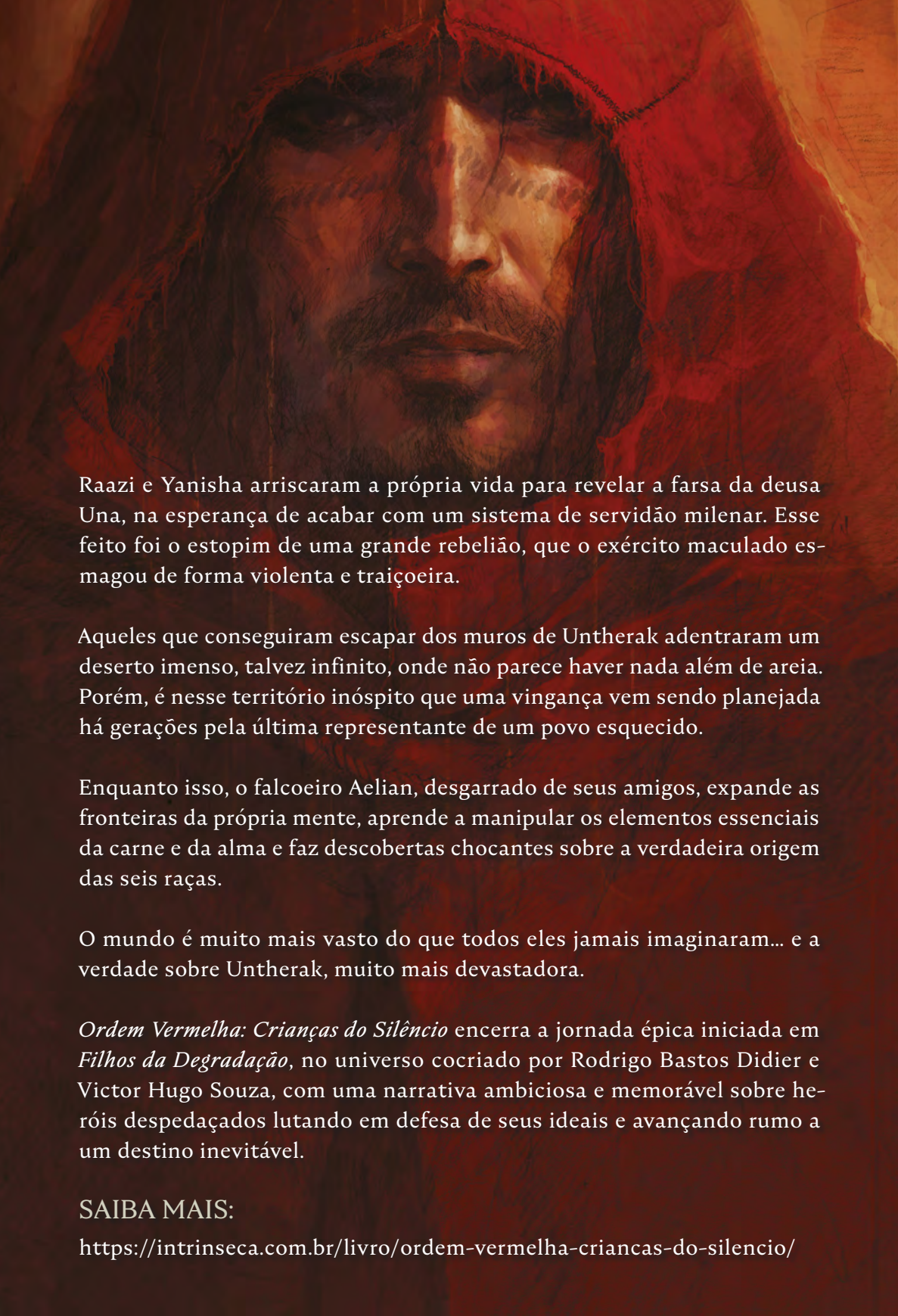
Bicofino circulou o céu algumas vezes ao descer até o pulso do humano. Aelian acompanhou a trajetória do falcão e assim teve um vislumbre dos seus dois destinos possíveis: o bege ofuscante da Degradação, que se estendia ao norte de maneira infinita; e a cortina de neblina e vapores que emanava dos Grandes Pântanos, que impedia a visão de qualquer coisa além daquelas terras úmidas e perigosas.

— Acho que prefiro o mal mais próximo. Não quero caminhar pelo nada até a morte — falou ele, se arrependendo logo em seguida daquelas palavras.

Afinal, Raazi e todos os exilados haviam escolhido a Degradação.

E eu? Teria feito diferente?, pensou. Levado milhares de pessoas para afundar na lama do pântano? Para morrer devoradas por alguma criatura híbrida jamais vista?

Respirou fundo. Pensando no quão distante Raazi e os outros estariam agora — se é que ainda tinham recursos para se proteger do sol e não morrer por inanição —, homem e falcão tomaram o rumo de volta para o platô e o cemitério de gigantes pela última vez. Era a hora de levantar acampamento e realizar outra mudança drástica.



Raazi e Yanisha arriscaram a própria vida para revelar a farsa da deusa Una, na esperança de acabar com um sistema de servidão milenar. Esse feito foi o estopim de uma grande rebelião, que o exército maculado esmagou de forma violenta e traiçoeira.

Aqueles que conseguiram escapar dos muros de Untherak adentraram um deserto imenso, talvez infinito, onde não parece haver nada além de areia. Porém, é nesse território inóspito que uma vingança vem sendo planejada há gerações pela última representante de um povo esquecido.

Enquanto isso, o falcoeiro Aelian, desgarrado de seus amigos, expande as fronteiras da própria mente, aprende a manipular os elementos essenciais da carne e da alma e faz descobertas chocantes sobre a verdadeira origem das seis raças.

O mundo é muito mais vasto do que todos eles jamais imaginaram... e a verdade sobre Untherak, muito mais devastadora.

Ordem Vermelha: Crianças do Silêncio encerra a jornada épica iniciada em *Filhos da Degradação*, no universo cocriado por Rodrigo Bastos Didier e Victor Hugo Souza, com uma narrativa ambiciosa e memorável sobre heróis despedaçados lutando em defesa de seus ideais e avançando rumo a um destino inevitável.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/ordem-vermelha-criancas-do-silencio/>